

# FAMÍLIA: INTERAÇÃO, SATISFAÇÃO E FRACASSOS NA VISÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS

FAMILIA: INTERACCIÓN, SATISFACCIÓN Y FRACASOS EN LA VISIÓN DE ADOLESCENTES Y ADULTOS

FAMILY: INTERACTION, SATISFACTION AND FAILURES IN THE VISION OF ADOLESCENTS AND YOUNG PEOPLE

**RESUMO:** Este texto apresenta uma pesquisa realizada com adolescentes e jovens, abrangendo aspectos importantes sobre essa faixa etária que vai, no presente caso, dos 15 aos 24 anos. O objetivo é conhecer como as interações familiares e a satisfação e os fracassos ou decepções vivenciadas nessas interações eram compreendidos por adolescentes e adultos jovens entrevistados. Aqui são incluídos temas relativos à percepção que os participantes tinham sobre família e suas circunstâncias: as interações familiares, a satisfação sentida nessas interações e os fracassos e decepções que surgem quando as vivências não correspondem aos seus ideais de convivência. Foram realizados grupos focais, com adolescentes de 15 a 19 anos de ambos os sexos, inscritos no Projeto Pescar de Porto Alegre, e entrevistas individuais com jovens universitários de 20 a 24 anos. Os resultados mostram idealizações sobre família em contraste com vivências e sentimentos ambivalentes sobre a mesma. Aspectos positivos e negativos coexistem, sem que as contradições obscureçam a centralidade da família na vida humana para ambos os grupos de participantes. Aparece com certo destaque o papel que os castigos físicos têm na educação de crianças, principalmente por parte dos adolescentes.

**Palavras-chave:** adolescentes; família; jovens.

**RESUMEN:** Este texto presenta una investigación realizada con adolescentes y jóvenes, abarcando aspectos importantes sobre este grupo de edad que, en este caso, va de los 15 a los 24 años. El objetivo es conocer cómo las interacciones familiares y las satisfacciones y fracasos o decepciones experimentadas en estas interacciones fueron entendidas por los adolescentes y jóvenes entrevistados. Aquí se incluyen temas relacionados con la percepción que los participantes tenían sobre la familia y sus circunstancias: las interacciones familiares, la satisfacción sentida en estas interacciones y los fracasos y decepciones que surgen cuando las experiencias no se corresponden con sus ideales de convivencia. Se realizaron grupos focales con adolescentes de 15 a 19 años de ambos sexos, matriculados en el Proyecto Pescar de Porto Alegre y entrevistas individuales con jóvenes universitarios de 20 a 24 años. Los resultados muestran idealizaciones sobre la familia en contraste con vivencias y sentimientos ambivalentes sobre ella. Aspectos positivos y negativos coexisten, sin que las contradicciones oscurezcan la centralidad de la familia en la vida humana para ambos grupos de participantes. Se destaca el papel que desempeña el castigo físico en la crianza de los hijos, principalmente por parte de los adolescentes.

**Palabras-clave:** adolescencia; familia; juventud.

**ABSTRACT:** This text presents a research conducted with adolescents and young adults, covering important aspects about this age group which, in this case, goes from 15 to 24 years old. The objective is to know how family interactions and the satisfaction and failures or disappointments experienced in these interactions were understood by the adolescents and young adults interviewed. Included here are themes concerning the perception that the participants had about family and its circumstances: family interactions, the satisfaction felt in these interactions, and the failures and disappointments that arise when the experiences do not correspond to their ideals of coexistence. Focus groups were carried out with adolescents from 15 to 19 years old of both sexes, enrolled in the Pescar Project in Porto Alegre, and individual interviews with young university students from 20 to 24 years old. The results show idealizations about family in contrast with experiences and ambivalent feelings about it. Positive and negative aspects coexist, without the contradictions obscuring the centrality of the family in human life for both groups of participants. The role that physical punishment plays in the upbringing of children, especially by adolescents, is highlighted.

**Keywords:** adolescence; family; youth.

**MARLENE NEVES STREY<sup>1</sup>**

**ROGÉRIO LESSA HORTA<sup>2</sup>**

**THAÍS CAROLINE GUEDES LUCINI<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil

<sup>2</sup> Instituto Geral de Perícias - IGP-RS, Porto Alegre, RS, Brasil

Recebido em: 31/07/2022

Aprovado em: 29/02/2023

## INTRODUÇÃO

Pensar o que sejam famílias requer buscar conceitos que possam abranger a enormidade de tipos e jeitos familiares que existem pelo mundo afora. Grandes transformações vêm acontecendo, devido a movimentos sociais que eclodiram depois dos anos 1960, fazendo vir à tona jeitos de viver que, de certa maneira, sempre existiram, mas que eram invisibilizados de todas as formas possíveis. Assim, tornou-se difícil fechar os olhos para as grandes modificações nas apresentações e crenças sobre as configurações, dinâmicas e sobre o desempenho de papéis sociais e familiares (Campos & Melo, 2022; Landim, Banaco & Borsa, 2020). Não é da noite para o dia que crenças, sistemas e pessoas mudam. Esse processo é cheio de contradições, tanto no interior das sociedades e das culturas, quanto nos indivíduos. “Por essa razão, encontramos a coexistência de padrões arcaicos e atuais, não só dentro da sociedade, mas no próprio indivíduo” (Strey, 2012, p. 12).

A família brasileira em geral ainda é, muitas vezes, definida como tendo que corresponder ao modelo de família patriarcal (Beauvoir, 2015; Vilasboas, 2020). Isso pode surgir como visão de todo o país, com variações em épocas e lugares diferentes, ou como hegemônico em algumas regiões. Contudo, outros, ainda, põem em dúvida a validade “deste modelo de família patriarcal mesmo restringindo-a histórica e regionalmente” (Vidal & Botelho, 2001, p. 416). As famílias, como parte dos diferentes processos históricos, não são nem receptoras passivas das mudanças sociais, nem elementos imutáveis de um mundo em constante transformação. A diversidade da vida familiar tem sido e é, em todo o mundo, considerável, e não parece que exista uma norma padrão das formas familiares, o que recomenda que se fale em famílias, no plural, e não em sua forma singular (Ferring, 2017; Fuster & Ochoa, 2000).

No Brasil, a pluralidade de mundos que convivem em nossa sociedade já foi bastante documentada (Barros, 2006; Féres-Carneiro & Magalhães, 2011; Rabinovich & Moreira, 2011; Ramos, 2006; Rocha-Coutinho, 2006; Szymanski, 2003; Teperman, 2011). Segundo Vaitsman (1997), a capacidade de misturar elementos de diferentes mundos práticos e simbólicos é considerada um traço típico do modo brasileiro de agir no cotidiano. Enquanto isso, os diferentes estágios do ciclo de vida de quem faz parte das famílias também foram sendo definidos e conceituados, com consequências para o próprio modo de viver tais etapas (Matos, 2022).

O processo de individuação, próprio da modernidade, acabou por institucionalizar fronteiras mais definidas entre os estágios da vida, fronteiras essas dadas pela idade cronológica e pelas expectativas atribuídas às diferentes faixas etárias (Barros, 2006; Ramos, 2006; Rocha-Coutinho, 2006). Essa institucionalização crescente no curso da vida teria envolvido praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvos grupos etários específicos, no que pode ser chamado de cronologização da vida (Debert, 1997; Debert, 1999; Herédia, Casara & Cortelletti, 2019).

Mais do que a cronologia, relatos que retratam histórias de vida através das gerações costumam ficar mais densos nos momentos em que as recordações afloram mudanças nas trajetórias de vida, tais como o casamento, o nascimento de filhos e filhas ou a morte de familiares, entre outros (Herédia, Casara & Cortelletti, 2019). Em função do momento que vive, cada pessoa acentua, colore, detalha e direciona a compreensão de sua própria biografia. Segundo Barros (1997, p. 142), “em cada narrativa percebe-se a interpretação do jogo entre a determinação do social, a expressão da singularidade do indivíduo na escolha entre os caminhos

possíveis a trilhar e o que se entende como os acasos da vida”. A própria vida em família produz transformações entre as gerações, que podem ter diferentes valores porque nasceram em diferentes períodos históricos e experienciaram os eventos sócio-históricos diferentemente.

Novas configurações familiares e novas atribuições de sentido diante dos desafios típicos da adolescência parecem estar produzindo narrativas inovadoras e desafiantes do ponto de vista da preservação do equilíbrio, do desempenho nas tarefas do desenvolvimento e, mesmo, da saúde (Grandclerc, Hellier, Genis, Minassian & Moro, 2020). O incremento de possibilidades de diversidade na composição e nos arranjos dos grupos familiares, especialmente nas últimas quatro décadas, desafia pesquisadores a compreenderem, numa perspectiva sistêmica e complexa, como os diferentes arranjos na estrutura familiar podem moderar, mais do que determinar, desfechos entre adolescentes (Tafà, Bracaglia, Inguscio & Carone, 2022). Parecem persistir, porém, entre adolescentes, a visão de seus cuidadores familiares como encarregados de lhes prover suporte, estímulo para ir além, apoio para vencer obstáculos e servir como referências (Vivian, Chewning & Flanagan, 2022).

Apesar da complexidade, da diversificação das configurações e das relações familiares, e apesar das numerosas mudanças que têm acontecido, as famílias ainda constituem a principal rede de relações e fonte de apoio e continuam sendo, para a maioria das pessoas, um dos aspectos mais valorizados da vida e um dos principais determinantes de ajustamento psicossocial (Fuster & Ochoa, 2000; Matos, 2022). Dessa maneira, tanto nas construções de gênero quanto nos outros aspectos que estão na mediação entre o indivíduo e a sociedade, o papel das famílias, para bem ou para mal, é crucial, tendo em vista que são as famílias as primeiras a ensinar e a ditar modelos, com base na satisfação das necessidades de seus membros. Quanto mais jovens são os membros, mais vulneráveis estarão à ação de sua família; mas, também, ao sentir-se segura e amada, a pessoa terá mais condições de enfrentar a vida e o mundo com maior confiança (Farrington, 2002; Silva & Marcolan, 2021). Quanto mais seguras as pessoas estão, mais à vontade ficam, também, para promover rupturas e propor quebras de padrões. A descontinuidade entre as gerações é sempre uma possibilidade, mas mais provável em face de períodos de rápidas mudanças culturais.

Em períodos de mudanças relevantes, significativos grupos de indivíduos operam como agentes que aceleram as mudanças ao desafiar as interpretações tradicionais e oferecerem interpretações alternativas. Esses membros desses grupos não apenas ficam em oposição à geração mais velha e à herança cultural normativa representada pelas gerações anteriores, mas também ficam apartados de outros membros de sua própria geração, que se alinham com a geração mais velha. De acordo com Myer e Booth (2002), a mudança social ocorre na medida em que um significativo número de pessoas das gerações mais jovens rejeita, se opõe ou altera a herança cultural criada pelas gerações anteriores e abraçada pela maioria de seus conterrâneos. Assim, adolescência e a juventude costumam envolver algum grau de desafio, ruptura ou mudança quanto a padrões herdados. Por outro lado, muitas das questões das transformações biológicas, hormonais e corporais são, quase sempre, utilizadas como características que comprovariam a naturalização das distinções entre os sexos (Paixão, Santos & Ramos, 2008).

Quanto ao conceito de juventude, Galland (1997 citado por Riscado & Peres, 2008) indica que foi no final do século XVI que passou a ser considerado como uma época com características físicas e morais próprias e não somente pela falta das características da maturidade. Assim, o “que é ser jovem e quem e até quando

pode ser considerado jovem são influenciados por contextos sociais, econômicos, políticos, além de conflitos de gerações” (Riscado & Peres, 2008, p. 81). De acordo com essas autoras, a idade não abarca, pois, o sentido de ser jovem, o que diferencia este conceito do de adolescência. Numa perspectiva cronológica, a OMS define adolescência como o período que vai dos 15 aos 19 anos e juventude dos 20 aos 24 anos (World Health Organization, 1986). A definição de juventude por faixa etária é bastante problemática, pois não leva em conta a realidade de muitas pessoas acima de 24 anos, as quais, na atualidade, “vivem como jovens” e não poderiam ser considerados adultos na concepção mais ampla do termo (Riscado & Peres, 2008, p. 81).

A corrente classista, tendência na Sociologia da Juventude, considera a juventude como um conjunto social cuja característica mais importante é a de ser formada por jovens em distintas situações sociais, variando em termos de reprodução de gênero, de raça, de classe social (Pais, 1993 citado por Riscado & Peres, 2008). Nesse sentido, desafios atualizados estão propostos a adolescentes e jovens no momento histórico, social, político e econômico do país. Isso justifica o objetivo deste estudo, que é conhecer como as interações familiares e a satisfação e os fracassos ou decepções vivenciadas nessas interações eram compreendidos por adolescentes e adultos jovens.

## MÉTODO

O estudo aqui apresentado é parte de uma pesquisa maior sobre adolescência e juventude. Trata-se de um estudo com enfoque qualitativo, descritivo e transversal, que explorou as concepções que os participantes tinham sobre adolescência e juventude, dentro de seus contextos, entre eles, os ambientes familiares. O estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale por meio do Parecer 30895214.1.0000.5336.

Foram formados, então, dois grupos de participantes. O primeiro, com adolescentes de 15 a 19 anos, do Projeto Pescar de Porto Alegre, uma tecnologia social da Fundação Projeto Pescar, em que empresas e organizações parceiras implantam uma Unidade e oferecem cursos em iniciação profissional para jovens em situação de vulnerabilidade social. O segundo grupo, por sua vez, contou com jovens de 20 a 24 anos, de ambos os sexos, convidados a partir da rede pessoal de relações da equipe de pesquisa.

Com o grupo de adolescentes, foram realizados grupos focais, que permitem explorar a fundo os significados e os modos pelos quais as perspectivas são socialmente construídas. Os processos de interação grupal, nessa técnica, têm a capacidade de fornecer um entendimento de como as visões se formam, revelando o que cada participante pensa sobre os temas da pesquisa e o porquê, a partir da sua reação àquilo que os outros participantes falam (Barbour, 2009). O que acontece no grupo focal “é uma interação social ... um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo” (Gaskell, 2002, p. 75). Por isso, essa pareceu a forma mais indicada de acessar os participantes em função de sua faixa etária, de modo que permitiria observar atitudes, opiniões e comportamentos, além dos processos de consenso e divergência sobre temas de interesse comum.

Para não prejudicar as aulas da turma escolhida para a pesquisa, ela foi dividida em dois grupos. Enquanto um participava dos grupos focais em um dia da semana,

o outro realizava as aulas normais no mesmo dia. Assim, em outro dia da semana, havia a troca e o grupo que tinha estado nas aulas normais participava do grupo focal e o que já havia participado do grupo focal ia para as aulas normais.

Foram realizados, então, 8 grupos focais com cada um desses dois grupos, cada um tratando de temas diferentes e a partir de estímulos variados. Para o presente artigo, se busca nos grupos focais as percepções sobre famílias com recurso à técnica de formação de famílias por meio de diferentes recortes de figuras de homens e mulheres distribuídos nos grupos, para que pudessem montar suas ideias de família e as discutissem. Neste texto, são atribuídos nomes começados com a letra “A” para participantes de um dos grupos e com a letra “B” para participantes do outro, conforme segue: Alberto, Alice, Aline, Alessandra, Alex e Aristides; Beatriz, Bernadete, Bernardo, Benício e Benjamin.

De outra parte, ao grupo de jovens foram propostas entrevistas narrativas (não-estruturadas em profundidade), com a perspectiva de que a pessoa entrevistada se revele melhor nas histórias em que está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos (Jovchelovitch & Bauer, 2002). Foram realizadas, então, cinco entrevistas com jovens do sexo feminino e seis com jovens do sexo masculino. Neste texto, os dados levantados sobre as percepções dos jovens sobre família servem de contraponto para os resultados obtidos nos grupos focais com adolescentes, em virtude de pertencerem a uma faixa etária mais velha, de serem estudantes de nível superior aos adolescentes, além de não poderem ser considerados como em situação de vulnerabilidade, como os participantes do Projeto Pescar. Os jovens, por sua vez, serão apresentados com nomes que comecem com a letra C: Cassiana, Cacilda, Cecília, Clara e Cibele; Clóvis, Célio, Carlos, Cleber, Círio e Cláudio. As questões sobre família, tratadas pelos jovens, aparecem aqui como contraponto ao que surgiu nos grupos focais com adolescentes.

A análise dos dados obtidos nos grupos focais e nas entrevistas narrativas foi realizada por método proposto por Schütze (1977, 1983, citado por Jovchelovitch & Bauer, 2002), cuja ideia básica é reconstruir, tão diretamente quanto possível, acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos participantes, primeiramente por meio da transcrição literal das entrevistas gravadas com o consentimento dos participantes. Em um segundo momento, divide-se o texto obtido em material indexado (referência concreta a quem fez o que, quando, onde e porquê) e não indexado (expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada “sabedoria de vida”). O outro passo é a análise do ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo — as trajetórias. Depois temos a análise do conhecimento (opiniões, conceitos e teorias gerais, reflexões). Depois o agrupamento e a comparação entre trajetórias individuais dentro do contexto. Finalmente, foram levadas em consideração as orientações de Rosalind Gill (2002) para uma análise de discurso onde a construção cultural sobre o tema estudado é mais importante do que a atitude individual.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As famílias aparecem, inicialmente, um pouco idealizadas. “Tudo... É o lugar que tu briga, que tu se dá bem, que tu fala o que tu sente, fala as coisas que tu gosta e que não gosta...” (Alberto). Essa fala revela como esse adolescente se sente à vontade em sua família e ele continua: “família, para mim, é um conjunto de pessoas onde todos se respeitam e se dão bem um com o outro” (Alberto). Essa maneira de ver as famílias é aceita por colegas no grupo: “meu porto seguro” (Aline); “a base de tudo”



(Alessandra); “os amigos que a gente tem de verdade...” (Alex); “a gente confia mais na família do que nos outros” (Aristides); “a base de uma família é o amor” (Aline); “confiança” (Alice); “união” (Aristides); “alegria...” (Alex). No entanto, a partir da discussão que se estabelece, essa visão logo é contestada, pois começam a ser dados exemplos que evidenciam outros jeitos de ser família. Aline, por exemplo, lembra que “tem família que ninguém dá bola para ninguém, tem as famílias que são paradas...” (Aline). Assim como “tem família que só se juntam em velório” (Aline).

O estudo de Landim et al. (2020) também apresenta a ideia de família de forma ampla e plural, incluindo algumas concepções trazidas pelos participantes deste estudo que se relacionam à proximidade e aos vínculos entre os sujeitos da família. Atualmente, há inúmeras formas de configurações familiares, evidenciando a família como uma constituição em movimento e em contínuo processo de mudança, incluindo o meio social e os papéis familiares (Isotton & Falcke, 2014).

O grupo de adolescentes tenta imaginar diferentes composições familiares, tais como famílias de dois homens ou duas mulheres com seus filhos e filhas, famílias com avós, famílias de irmãos, de amigos. “Família composta por uma mulher e seus filhos — Hoje em dia já é normal” (Aline). Frente a essa possibilidade, Alberto critica o homem que não faz parte da família: “não pensam, fazem filhos e depois não querem assumir” (Alberto). No que Aline contesta: “a minha mãe pensou, meu pai foi embora porque quis!” (Aline). Alberto concorda: “tem aqueles que se separam” (Alberto). “Eles acham que vão ficar juntos, mas aí no fim acabam não ficando junto...” diz Alessandra. “Daí os filhos acabam ficando com a mãe” (Alberto). Por fim, a conclusão: “é normal hoje em dia” (Alessandra). A partir desse diálogo, vai ficando claro, aos poucos, que as famílias não se encaixam todas no padrão referido na fala de Alberto: “a mulher, pra mim, é a parte mais carinhosa da família e o homem é a parte que vai botar ordem”.

Contudo, não são apenas os homens (pais) que abandonam a família. Aristides critica veementemente os filhos que vão embora e esquecem da família: “vão embora e esquecem dos pais”. Aline também critica, mas já vai dizendo: “se eu fizer isso, a minha mãe corre atrás de mim... não posso ir nem na padaria sem avisar ela, se não ‘onde é que tu foi...?’. No entanto, também existem homens diferentes, que cuidam dos filhos, conforme aponta Aline: “eu conheço um cara que cria o filho dele sozinho, a mulher dele foi embora, ele cuida do guri daí, aonde ele vai, o guri vai atrás. Ele vai nas festas e o guri vai junto com ele”. Aristides matiza essa situação: “eu também conheço um homem que criou os filhos dele sozinho, mas é porque a mulher dele morreu. Daí ele fica muito tempo na rua e deixa os filhos em casa, sozinhos, mas ele cria os filhos”.

Essas falas ilustram uma realidade que também se constitui pelas mudanças políticas e sociais, as quais flexibilizaram as relações matrimoniais, trazendo para esse núcleo um funcionamento democrático e participativo, abrindo espaço para novas composições familiares que saciem às necessidades afetivas e a busca pela felicidade (Vilasboas, 2020).

A partir daí, a conversa toma outro rumo. Alessandra, então, aponta: “por isso nunca fazem um filho só, porque se acontecer alguma coisa contigo e com o teu marido, o teu filho vai ficar sozinho”. Alice e Alessandra lembram histórias que corroboram essa visão, contando que conhecem alguém cujos pais morreram e que ficaram duas irmãs maiores cuidando das menores, morando juntas. Foi citada, também, a história da menina cuja mãe morreu, ficando só ela e o pai, mas o pai não quis ficar com ela e a menina teve que ir morar com uma irmã mais velha.

Os casos familiares vão se sucedendo, mostrando famílias não tão idílicas como apareciam nas primeiras formulações do grupo. Alex lembra dos pais e mães que trabalham fora e cujos/as filhos/as são criados/as por babás, que levam para a escola, para a natação, para aulas de inglês, que fazem comida, levam para passear, fazem tudo que “um pai faz”. Amanda argumenta que “um pouco é bom e um pouco é ruim, porque é ruim porque não é os pais dela, mas é bom porque assim ela tem alguém para cuidar dela”.

Nesse contexto, as avós também são lembradas como aquelas que cuidam no lugar da mãe e do pai. Todos/as conhecem alguém que foi criado pela avó e concluem que era “superbom...” (Jéssica) e que “às vezes ganham um carinho até maior” (Amanda). “É, até maior. Ele tinha tudo assim, ele era bem gordinho, porque vó deixa a gente gordinho, e daí ele era bem gordinho...” (Alessandra).

Outros exemplos vão surgindo: “a minha tia teve uns problemas e ela não pode ficar com o filho, então a minha outra tia pegou para cuidar, no caso fez o papel de mãe, desde que nasceu até...” (Amanda); “a minha mãe cria a filha do meu pai, que é só do meu pai com outra mulher e ela não quer cuidar... Meu pai foi embora e a guria continua morando com a gente” (Aline); “... a minha colega, ela perdeu o pai e a mãe dela, daí ela ficou com o irmão dela, daí o irmão dela casou, daí o irmão foi embora com outra mulher e quem cuida dela é a ex-mulher do cara, mora com ela há um tempão já. E ela tem um carinho como se fosse mãe dela” (Alice).

Essas falas demonstram que parece haver uma compreensão aberta sobre o compartilhamento do cuidado, que pode ser realizado por outras pessoas que não familiares diretos, ditos de laços sanguíneos, mas isso nem sempre é bem compreendido pelos adolescentes, especialmente nesta fase em que sentir-se pertencente é importante (Eberhardt & Schwochow, 2021). Apesar disso, também aparece a questão de pais e mães não gostarem de seus filhos e filhas, da dor ocasionada pelas separações, dos papéis contraditórios de genitores, madrastas e padrastos, principalmente o papel “insubstituível” da mãe, e este tema é discutido onde famílias com estruturas mais instáveis tendem a gerar laços afetivos frágeis e que podem se dissolver com facilidade, colocando o adolescente em uma situação vulnerável (Borges & Costa, 2023).

Os jovens, em muitos aspectos, se aproximaram bastante dos/as adolescentes em suas ideias sobre a família. Foram bastante concretos em suas colocações, pois descreveram diretamente suas vivências familiares, tanto nos aspectos positivos quanto nos aspectos negativos. As brigas, por exemplo, parecem ser parte da vida em família, exatamente como foi colocado nos grupos focais dos/as adolescentes. Entretanto, os aspectos positivos servem para amenizar os sentimentos de rejeição ou abandono. Aliás, com exceção de dois jovens, Cleber e Cláudio, os sentimentos positivos são bem mais intensos que os negativos, o que se manifesta, por exemplo, na ideia de que nunca falta nada em casa porque a mãe é boa ou de que a grande preocupação das famílias é que filhos e filhas tenham uma boa educação, “todo mundo se dá tri bem!”.

A família, portanto, serve como modelo de como educar as crianças. Nesse sentido, os jovens entrevistados pensam que a família deve ser unida e ajudar nos momentos difíceis, as pessoas da família podem brigar de vez em quando, mas praticamente ninguém perde o almoço de domingo. Outra semelhança manifesta entre os jovens é que apanharam ou do pai ou da mãe ou de ambos quando eram crianças. Eles acham que isso está certo e que é importante para educar, desde que não seja exagerado.

Outro tipo de família citado é a composta por dois homens e suas crianças. Os jovens começam dizendo que agora é normal, mas logo colocam alguns reparos, como a necessidade de conversarem com as crianças desde pequenas para que possam ter uma noção da situação, já que, com o tempo, começarão a perguntar pela mãe. Historicamente, o cuidado é tarefa feminina, mas hoje em dia, com os diferentes formatos familiares, essa responsabilidade está se dissolvendo, vagarosamente, entre homens e mulheres (Lagares & Hackbardt, 2015).

Alessandra, por exemplo, conhece uma família de dois homens e seu filho, e acha engraçado, imita os pais falando com o menino, chamando-o de amorzinho. Ao mesmo tempo, no entanto, reconhece que a criança não tem vergonha disso e fala para todo o mundo que tem dois pais. Por sua vez, Aline acha que falta o lado da mulher nessa família para poder entender melhor, ensinar uma criança. Amanda retruca que “às vezes os gays sabem muito mais que uma mulher”. Contudo, Aline insiste: “ah, mas eu acho que um apoio feminino tem que ter ... sempre precisa do outro lado...”. Alessandra, então, pontua: “mas tem uns que são mais mulher que nós”.

Apesar das mudanças que vêm acontecendo, as falas dos entrevistados refletem sobre a construção cultural que se mantém sobre as mulheres na responsabilidade do cuidado, o que parece se manter mesmo em famílias reestruturadas ou monoparentais. Esse foi um achado também discutido em outros artigos (Aguiar, Oliveira, Hryniewicz & Sant’Anna, 2023; Miltersteiner et al., 2020).

O grupo discutiu também, por algum tempo, sobre como são as mulheres e como são os homens. A esse respeito, as meninas parecem mais flexíveis em suas opiniões do que os meninos. Depois, os adolescentes contam suas experiências em suas próprias famílias, criticam certas atitudes contraditórias e, ao mesmo tempo, tentam compreender, explicar por que são assim. Contam, ainda, sobre diferenças de criação entre meninas e meninos, criticando muito isso.

Na idade do meu irmão eu arrumava a casa, ia para escola sozinha, fazia tudo, era super independente... Hoje meu irmão, eu tenho que fazer tudo para ele, tem que dar banho, tem que levar para escola, tem que ajudar a fazer tema, tem que arrumar a cama dele, ele deixa tudo atirado... se eu saia na rua e não avisava a minha mãe... nossa, eu tomava um pau... Ele sai para onde ele quer e a minha mãe... Se eu retrucava alguém, olha eu tava ferrada, me davam um pau na hora. O meu irmão, ele só falta bater em mim, ele se acha um marginal né, ah, morro de vontade de dar uns tapas... Eu bato e depois eu fico com pena... (Amanda).

Os regramentos estruturantes de modelos que se perpetuam recebem essas influências e organizam unidades sociais, como as famílias, numa estrutura hierarquizada (Szymansky, 2003). Nesse sentido, “conceber a família como um sistema de relações implica que as condutas dos indivíduos são interdependentes e mutuamente reguladas” (Eduardo Carrasco B, s/d) por meio de um entramado de regras implícitas e explícitas.

Quanto à perspectiva dos participantes deste estudo, foram escritas coisas satisfatórias da família: paz, respeito, felicidade, união dos filhos, humildade, confiança, educação, amizade, concordância, amor, carinho, contribuição, simplicidade e conversas. Por outro lado, os participantes apresentaram muitas coisas insatisfatórias: brigas, desunião, discussão, abandono, drogas, ignorância, fofoca, humilhação, arrogância, desrespeito, intrigas. Aline, por exemplo, acha que briga tem em todas



as famílias e, para Alberto, as brigas podem até ser satisfatórias, pois daí as pessoas dizem tudo o que está incomodando. Já Aristides volta a falar dos filhos que abandonam os pais e que só retornam quando os pais morrem. Amanda, no entanto, lembra que os pais abandonarem os filhos é ainda pior, e continua:

tem aqueles que abandonam depois que a criança já é maior, aí no caso, acho que é uma coisa bem pior, porque daí tu quer fazer que nem os pais, esses que abandonaram, eles querem fazer algo, mas não pensam que eles já têm uma responsabilidade, não pensam que têm um filho para criar, aí largam tudo e tchau... Não pensam...

A importância do vínculo e do pertencimento ao núcleo familiar foi pesquisada e discutida no estudo de Borges e Costa (2023). Eles retomam também um ponto importante nas famílias que é a transgeracionalidade de algumas ações e comportamentos que são aprendidos e, após, ensinados (Backes, Becker, Cripaldi & Vieira, 2018; Borges & Costa, 2023). Suas próprias experiências em suas famílias são a base para imaginarem os modos como criariam seus filhos e filhas no futuro.

Nesse sentido, há bastante discussão sobre bater ou não bater nas crianças, como é destacado nos exemplos a seguir. “Tem que bater, sim, senão a criança não aprende”, diz Aline, mas ela pondera: “eu acho que primeiro tu conversa, daí se continuar fazendo, tu tira alguma coisa que ele gosta, daí se continuar fazendo, tu bate” (Aline). Até porque, como diz Amanda, “eu aprendi apanhando”. Amanda complementa: “apanhar ajuda, mas tu tens que saber a hora né...”. Alex concorda: “eu acho que tem que dar um pouquinho nessa hora, e tem que bater um pouquinho também... Tem que bater e falar”. Aquilo com o que, mais ou menos, todos concordam é que castigo é pior do que apanhar. Praticamente todos preferem levar uns tapas do que ficar de castigo. A educação, por meio de tapas, castigos ou gritos, tem que ser levada a efeito quando as crianças ainda são pequenas, porque depois não adianta querer ensinar ou proibir alguma coisa quando já são adolescentes. Se não aprenderam antes, não irão respeitar nem pai, nem mãe.

No outro grupo de adolescentes, as discussões sobre família são parecidas, aparecendo, primeiramente, algumas idealizações, tais como a família ser o lugar de amor, confiança, carinho; corroborando, assim, os dados apresentados por Landin et al. (2020). Todavia, como no outro grupo, com o decorrer do debate, também surgem as mágoas, o ódio, as brigas, os abandonos e as perdas. Também nesse grupo as brigas são vistas de forma ambivalente, pois permitem que expressem sentimentos: “tu briga, mas tá sempre por perto” (Bernadete) ou “eu odeio, mas não vou dormir embaixo da ponte... não tem escolha, ou eu fico bem, ou eu fico bem...” (Beatriz).

A avó também aparece como uma figura importante na família, como aquela que não sabe dizer não para o neto ou a neta. Além disso, os adolescentes desse grupo querem educar seus filhos e filhas ensinando o certo e o errado, na conversa, mas, se não adiantar, “chama na paulada” (Bernardo). Parece que disciplinar por meio da palmada é um divisor de águas, pois “é por isso que o mundo hoje em dia tá assim, muita criança quando tinha que apanhar, não apanhava, agora tão aí, né, nas drogas, batendo nas mães...” (Bernadete).

No caso de Cleber, emerge que a dificuldade está no relacionamento com a mãe, que quer que ele ajude mais em casa. Já Cláudio traz o fato de ser um jovem trans, que passou por diferentes etapas de aceitação/não aceitação de sua condição na família. Nesse sentido, parece que a melhor palavra para descrever o envolvimento familiar é ambivalência.

Esses poucos excertos dos grupos focais com os/as adolescentes em situação de vulnerabilidade social e as entrevistas com os/as jovens de classe média ou média alta, mostram como muitos significados sobre família são nitidamente construções sociais estereotipadas que perpassam todas as classes e condições de vida. A primeira ideia lançada por adolescentes e jovens é uma visão idealizada de família. Isso corresponde ao que Heloísa Szymanski (2003) afirma sobre as expectativas em relação às famílias estarem, no imaginário coletivo, ainda impregnadas de idealizações. Sob essa perspectiva, a família deve produzir cuidados, proteção, ensinar a amar, construir as identidades e os vínculos entre seus membros estabelecem pertencimento. Além disso, deve propiciar inclusão social e cultural.

Quando aparece a oportunidade de retratar suas próprias vivências familiares, as experiências individuais aparecem e as famílias, na experiência vivida, não se enquadram tão exatamente nas idealizações. Embora se verifiquem inúmeras similaridades, a individualização das narrativas passa, provavelmente, no caso de adolescentes, pelo tipo de vida e trabalho que pais e mães enfrentam, em função de suas realidades econômicas. As famílias exercem influências no desenvolvimento de adolescentes e jovens. Como as famílias estão inseridas em contextos específicos diferentes, podem refletir em sua influência as demandas culturais e sociais desses contextos. No entanto, cada contexto em particular faz parte de uma cultura ou sociedade mais ampla que espalha ideias e valores hegemônicos, os quais penetram em praticamente todas as camadas de seu tecido social.

Assim, não é de estranhar que encontremos muitas similaridades em contextos tão díspares, neste caso, entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social, como os/as participantes do Projeto Pescar, e os jovens mais velhos, estudantes universitários, pertencentes às camadas média e média alta. Além disso, todos os três grupos aqui discutidos estão em ambientes educacionais formais. Isso eventualmente pode explicar como suas visões de família, em seus aspectos positivos e negativos, têm muitos pontos em comum.

Os achados deste estudo se aproximam, em muito, do que a literatura tem apresentado, como o fato de a família estar em posição central em suas vidas (Castro & Correa, 2005; Abramo & Branco, 2005; Pratta &, 2007; Gonçalves e Coutinho, 2008; Rabinovich & Moreira, 2011; Zappe et al, 2013; Oliveira & Machado, 2015). Conforme Elaine Pedreira Rabinovich e Lúcia Vaz de Campos Moreira (2011), as pesquisas realizadas nos contextos brasileiros revelam que estão acontecendo inúmeras mudanças nos papéis, comportamentos e relações entre os membros das famílias, além de diferentes modos de vivência familiar, mas que, apesar dessas mudanças, a vida familiar continua sendo fundamental para todos os seus componentes.

Daniela Teperman (2011, p.157) afirma que a família resiste, mas que não existe “uma forma de organização ideal que poderia garantir [*a priori*] as condições necessárias para a constituição do sujeito”. Segundo a autora, a família nuclear tradicional, muitas vezes vista como modelo de família ideal, nunca foi sinônimo de normalidade. As falas analisadas neste estudo se colocaram aproximadamente nessa posição, embora apresentassem dúvidas sobre outros tipos de família, como, por exemplo, uma família de dois pais ou duas mães, ainda que considerassem que isso agora “é normal”. Essa visão ambivalente vem ao encontro de preconceitos ainda arraigados no senso comum, principalmente no que diz respeito ao papel indispensável da mãe da criação dos filhos. Ainda é muito marcante, apesar de todas as transformações ocorridas, o papel do homem provedor e da mãe cuidadora dos filhos e filhas (Féres-Carneiro & Magalhães, 2011).

No entanto, como afirmam Marina Ortolan Araldi & Fernanda Barcellos Serralta (2019, p. 2), “pesquisas sugerem que exista uma boa relação entre pais/mães homossexuais e seus filhos, identificando que esses casais dividem melhor o cuidado com a criança do que casais heterossexuais”. Segundo essas autoras, seus estudos permitem pressupor que os filhos de casais homossexuais possam ser mais propensos à empatia e à solidariedade, “uma vez que sua educação familiar enfatiza, de forma muito clara, direta e transparente, que todos devem ser respeitados pelo que são” (Araldi & Serralta, 2019, p. 8).

Outra questão que demandou muita discussão nos grupos focais foi a utilização do castigo físico como forma de educar crianças e adolescentes. Essa é, aliás, uma discussão que transcende o senso comum e integra dos debates entre especialistas e estudiosos do comportamento humano, como nos mostram Martins, Silva e Silva (2020) e Bezerra e Russo (2018).

Participantes adolescentes, neste estudo, verbalizaram que a punição física não é vista de forma muito negativa, pois alguns preferem apanhar do que receber algum outro tipo de castigo e percebem risco de efeitos negativos na ausência desses castigos. Mesmo entre profissionais de educação e psicologia, parece não existir unanimidade com relação à necessidade do castigo físico na educação das crianças. Contra o seu emprego, aparecem as ideias de que estimulam a reprodução de comportamentos violentos e a obediência por submissão, induzindo crianças a terem dificuldades de respeitar e receber ordens sem o monitoramento pela força (Martins, Silva & Silva, 2020; Patias, Siqueira & Dias, 2012, apud Martins et al., 2020).

Resta, então, a reflexão de até que ponto é possível ponderar entre um tapa educativo e um tapa fruto da raiva e da frustração de quem bate. Nesse sentido, embora não seja de aceitação unânime, a lei vem ao encontro dos argumentos que são contra o castigo físico como método educativo. Na história brasileira, primeiro a escola foi proibida de bater nas crianças. Agora a Lei n. 13.010/2014 (Lei da Palmada), de 26 de junho de 2014, proíbe o uso de castigos físicos contra as crianças e adolescentes (Brasil, 2014).

No entanto, como a história nos mostra, mesmo uma lei que parece bonita no papel em que está escrita, nem sempre é acatada na vida diária das pessoas. Professores e professoras levaram muito tempo para realmente deixarem de castigar fisicamente seus alunos e alunas. Agora, como afirmam Simone Gonçalves Assis e Suely Ferreira Deslandes (2005), pais e mães ainda não aceitaram, de forma unânime, abrir mão dessa prática, embora estejam lentamente se transformando. Ainda assim, o Brasil lidera o ranking de violência contra a criança na América Latina e a violência contra criança atinge todas as classes sociais, independentemente do nível de educação de quem as cuide (Martins et al, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dados analisados neste estudo, várias nuances puderam ser constatadas. Ficou bastante clara a importância que a família tem nas jovens vidas em desenvolvimento. Também apareceram estereótipos sociais difíceis de serem superadas, apesar de todas as evidências que o cotidiano oferece à juventude. De todas as formas, pensar a família como lugar de aconchego e abrigo pode ter seu lado positivo, como fator de esperança, de pertencimento e, mesmo, de realidade para muitos. No entanto, essa mesma esperança, quando não se concretiza para alguns, pode servir para intensificar justamente o sentimento de exclusão e abandono.

Cada participante contribuiu para iluminar um pouco mais essas questões dos relacionamentos familiares.

Ao longo do desenvolvimento dos grupos focais, a inter-relação entre o que está fora e o que está dentro dos sujeitos foi se apresentando de maneira esclarecedora. Estereótipos de gênero, de família e de educação circularam, primeiramente, como afirmações inquestionáveis, como verdades sobre as quais não há o que contestar. No entanto, a proximidade física durante as discussões, o olho no olho, a liberdade para expressar opiniões e sentimentos, forneceram o ambiente favorável para que as vivências individuais pudessem aparecer e os paradoxos pudessem emergir e ser contrastados. Uma lembrança puxa outra, uma nova interpretação surge como possibilidade de enfrentar os conceitos ideais, muitas vezes reproduzidos, apesar das evidências da vida cotidiana. Durante o desenvolvimento dos grupos com os adolescentes, pode-se verificar a interação profunda entre o indivíduo, o grupo, a sociedade e a cultura.

Já nas entrevistas narrativas, sem contestação ou discussão, as quais ocorreram no caso dos grupos focais, aparece o desvelamento das contradições entre estereótipos e vivências reais, nem sempre muito pensadas ou refletidas. Embora de idades diferentes e de meios socioeconômicos distintos, puderam ser rastreadas interpretações culturais de afetos e relações individuais que permitiram muitos pontos de contato entre ambos os grupos de participantes.

Para finalizar, é importante destacar a questão da banalização da violência pelas referências à necessidade dos castigos físicos na educação das crianças no seio das famílias. A pedagogia da violência se mostra claramente eficiente em tornar a violência física uma maneira plenamente aceitável, e até indispensável, de disciplinamento e controle do comportamento infantil. A violência física apareceu clara e foi considerada necessária (não sendo vista como violência, a não ser que ultrapassasse certos limites que não foram claramente estabelecidos nas discussões), enquanto outras violências, tais como a psicológica, a negligência e o abandono foram criticados, mas sem associação direta a castigos físicos. Isso significa que, quando não está invisível, a violência pode ser banalizada, o que ajuda a entender por que é tão difícil erradicar a violência que assola a sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- Abramo, H. W., & Branco, P. P. M. (2005). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania.
- Aguiar, S. F. B. D., Oliveira, F. B. D., Hryniewicz, L. G. C., & Sant'Anna, A. D. S. (2023). O teletrabalho e as mulheres: Percepções da conciliação da vida profissional e familiar. *Cadernos EBAPE. BR*, 20, 836-850. <https://doi.org/10.1590/1679-395120210244>
- Araldi, M. O., & Serralta, F. B. (2019). O processo de construção e a experiência da parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e pesquisa* 35, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe1>
- Assis, S. G., & Deslandes, S. F. (2005). Abuso físico em diferentes contextos de socialização infanto-juvenil. In C. A. de Lima (Org.), *Violência faz mal à saúde* (pp. 47-58). Brasil: Ministério da Saúde. [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/violencia\\_faz\\_mal.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_faz_mal.pdf)

- Backes, M. S., Becker, A. P. S., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L.** (2018). A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(61), 66- 81. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/417>
- Barbour, R.** (2009). *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed.
- Barros, M. M. L.** (1997). Densidade de memória, trajetória e projeto de vida. *Estudos Feministas*, 5(1): 140-147. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12566/11731>
- Barros, M. M. L.** (2006). Gênero, cidade e geração: Perspectivas femininas. In M. L. Barros, (Org.). *Família e gerações* (pp. 17-37). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Beauvoir, S.** (2015). *El segundo sexo. Los hechos y los mitos*. Madrid: Cátedra. <https://cursoshistoriavdemexico.files.wordpress.com/2018/09/beauvoir-simone-de-el-segundo-sexo.pdf>
- Bezerra, B. D. G., & Russo, G. H. A.** (2018). “Dói mais em mim”: Reflexões sobre o castigo físico de crianças e adolescentes. *Sociedade em Debate*, 24(2): 161-184. <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/1721/1185>
- Borges, M. M., & Costa, L. F.** (2023). Transgeracionalidade de adolescentes que praticaram ofensa sexual: Estrutura familiar, lealdade, delegação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 32(75), 74-90. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/689>
- Brasil.** (2014). *Lei n. 13.010, de 26 de junho de 2014*. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm)
- Campos, L. L., & Melo, A. K.** (2022). Noção de família(s) no campo da saúde brasileira: Ensaio teórico-reflexivo. *Escola Anna Nery*, 26, 1-8. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0197>
- Castro, L. B., & Correa, J.** (2005). *Juventude contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: Nau.
- Debert, G. G.** (1997). Envelhecimento e curso de vida. *Estudos Feministas*, 5(1), 120-128. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12564>
- Debert, G. G.** (1999). Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, 42, 70-83. <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456/30313>
- Donoso, M. T. V., & Ricas, J.** (2009). Perspectiva dos pais sobre educação e castigo físico. *Revista Saúde Pública*, 43(1), 78-84. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000100010>
- Eberhardt, A. P. T., & Schwochow, M. S.** (2021). Vínculos que se transformam: Quando irmãos se tornam pais e filhos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30(71), 72-84. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/625>
- Farrington, J.** (2002). How your Family can affect you. *Current Health* 2, 29(3), 6-12.
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S.** (2011). A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas. In L. V. C. Moreira, & E. P. Rabinovich (Orgs.). *Família e parentalidade: Olhares da psicologia e da história* (pp.117-133). Curitiba: Juruá.
- Ferring, D.** (2017). The family in us: Family history, family identity and self-reproductive adaptive behavior. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 51(2), 195-204. <https://doi.org/10.1007/s12124-017-9383-9>
- Fuster, E. G., & Ochoa, G. M.** (2000). *Psicologia social de la familia*. Paidós Ediciones.
- Gaskell, G.** (2002). Entrevistas individuais e grupais. In G. Gaskell & M. W. Bauer (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis: Vozes.



- Gill, R.** (2002). Análise de discurso. In M. W. Bauer, & G. Gaskell, (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 244-270). Petrópolis: Vozes.
- Gonçalves, H. S., & Coutinho, L. G.** (2008). Juventude e família: Expectativas, ideais e suas repercussões sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(3), 597-611. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812008000300004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000300004)
- Grandclerc, S., Hellier, É., Genis, C., Minassian, S., & Rose Moro, M.** (2020). Adolescence et définition de la famille, la complexité des nouvelles configurations familiales. *Soins. pédiatrie, puériculture*, 41(315), 14-16. <https://doi.org/10.1016/j.spp.2020.07.003>
- Herédia, V. B. M., Casara, M. B., & Cortelletti, I. A.** (2019). Impactos da longevidade na família multigeracional. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, 10, 7-28. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10012>
- Isotton, R., & Falcke, D.** (2014). Quando um dos genitores detém a guarda dos filhos: Que configuração familiar é essa? *Pensando famílias*, 18(1), 92-106. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100009&lng=pt&tlng=pt)
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W.** (2002). Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Lagares, G. P., & Hackbardt, R. R. S** (2015). Masculinidade e paternidade: Uma abordagem de gênero à luz da guarda compartilhada. *Revista JurEs*, 7(14), 124-140.
- Landim, I., Banaco, R. A., & Borsa, J. C.** (2020). O que é família para você? Opinião de crianças sobre o conceito de família. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 38(2), 38-52. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7178>
- Martins, L. F. R., Silva, N. F., & Silva, C. M.** (2020). O ato de educar: O castigo físico ou o diálogo. *Mediação*, 15(1): 171-187. <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/10205>
- Matos, M. S.** (2022). Voando para longe do ninho: As experiências de estudantes de Medicina morando sozinhos no Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 26(1), 1-11. <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/76677>
- Milstersteiner, R. K., Oliveira, F. B. D., Hryniewicz, L. G. C., Sant'anna, A. D. S., & Moura, L. C.** (2020). Liderança feminina: Percepções, reflexões e desafios na administração pública. *Cadernos EBAPE. BR*, 18, 406-423. <https://doi.org/10.1590/1679-395120190176>
- Myer, S., & Booth, A.** (2002). Forenrunners of change in nontraditional gender ideology. *Social Psychology Quarterly*, 65(1): 18-37. <https://doi.org/10.2307/3090166>
- Oliveira, A. D., & Machado, M.** (2015). A adolescência e a espetacularização da vida. *Psicologia & Sociedade*, 27(3): 529-536. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p529>
- Paixão, G. P. N., Santos, S. M. P., & Ramos, P. R.** (2008). Percepções das diferenças de gênero entre adolescentes do município de Juazeiro – Bahia. *Revista de Extensão: UDESC em ação*, 2(1): 1-11. <https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/1699/1347>
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A.** (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>

- Rabinovich, E. P., & Moreira, L. V. C.** (2011). Estudos sobre família em contextos brasileiros. In L. V. C. Moreira, & E. P. Rabinovich (Orgs.). *Família e parentalidade: Olhares da psicologia e da história* (pp. 15-40). Rio de Janeiro: Juruá.
- Ramos, E.** (2006). As negociações no espaço doméstico: Construir a “boa distância” entre pais e jovens adultos “coabitantes”. In M. L. Barros (Org.). *Família e gerações* (pp. 39-65). Rio de Janeiro: FGV.
- Riscado, L. C., & Peres, S. O.** (2008). Contribuições da categoria gênero para os estudos sobre adolescência e juventude no âmbito da psicologia e ciências sociais como meio de evidenciar a permanência das desigualdades e a necessidade de enfrentar a exclusão social. *Revista Artemis*, 9, 77-91. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/11812/6867>
- Rocha-Coutinho, M. L.** (2006). Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In M. L. Barros (Org.). *Família e gerações* (pp. 1-106). Rio de Janeiro: FGV.
- Silva, D. A., & Marcolan, J. F.** (2021). O impacto das relações familiares no comportamento suicida. *Research, Society and Development*, 10(2),
- Strey, M. N.** (2012). Gênero e ciclos vitais. In M. N. Strey, A. Botton, E. Cadoná, & Y. A. Palma (Orgs.). *Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas* (pp. 7-21). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Szymanski, H.** (2003). *A relação família/escola: Desafios e perspectivas*. Brasília: Plano.
- Tafà, M., Bracaglia, F., Inguscio, L., & Carone, N.** (2022). What Decides the Well-Being of the Relationship between Parents and Adolescents. *International journal of environmental research and public health*, 20(1), 1-11. <https://doi.org/10.3390/ijerph20010383>
- Teperman, D.** (2011). Família, parentalidade e época: Articulações possíveis. In L. V. C. Moreira, & E. P. Rabinovich (Orgs.). *Família e parentalidade. Olhares da psicologia e da história* (pp: 157-167). Curitiba: Juruá.
- Vaitsman, J.** (1997). Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda. *Estudos Feministas*, 5(2): 303-319. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12139/11413>
- Vidal, C. S., & Botelho, T. R.** (2001). Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. *Estudos Feministas*, 9(2), 414-432. <https://www.scielo.br/j/ref/a/gBrWXzTPBhqDDgQmpbk64JH/?format=pdf&lang=pt>
- Vilasboas, L. C.** (2020). O novo conceito de família e sua desbiologização no direito brasileiro. *Revista artigos.com*, 13, 1-11. <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/2864>
- Vivian, E., Chewning, B., & Flanagan, C.** (2022). Chasing a dream against all odds. *BMC public health*, 22(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/s12889-022-14130-8>
- World Health Organization** (1986). *Young People’s Health – a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All*. Technical Report Series 731. WHO. [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO\\_TRS\\_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y//](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO_TRS_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y//)
- Zappe, J. G., Moura, J. F., Dell’aglio, D. D., & Sarriera, J. C.** (2013). Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos. *Acta Colombiana de Psicología*, 16(1), 91-100. <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v16n1/v16n1a09.pdf>

**MARLENE NEVES STREY**

Psicóloga formada pela PUCRS, em 1977. Mestrado em Psicologia Social e Personalidade pela PUCRS, em 1990. Doutora em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid. Pós-doutorado na Universitat de Barcelona, 2003. Pós-doutorado Sênior na Universitat de Barcelona, 2012. Professora, orientadora e pesquisadora, atualmente na Universidade Feevale.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3030-5668>

Email: [nevesstrey@gmail.com](mailto:nevesstrey@gmail.com) - [marlenestrey@feevale.br](mailto:marlenestrey@feevale.br)

**ROGÉRIO LESSA HORTA**

Médico Psiquiatra e Terapeuta de Famílias, Doutor em Psicologia, Perito Médico Legista.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5195-8014>

E-mail: [rogeriohortamed@gmail.com](mailto:rogeriohortamed@gmail.com)

**THAÍS CAROLINE GUEDES LUCINI**

Psicóloga formada pela Universidade Feevale (2021). Mestranda em Psicologia com bolsa Capes pela Universidade Feevale. Formação em Terapia Cognitivo Comportamental.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8474-5875>

E-mail: [thaisglucinipsi@gmail.com](mailto:thaisglucinipsi@gmail.com)